

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

JOYCE LOPES DE SOUZA

**REPORTAGEM FOTOGRÁFICA SOBRE OS SENTIMENTOS DE SOLITUDE
E SOLIDÃO NA SOCIEDADE EM REDE**

BAURU/SP

2021

JOYCE LOPES DE SOUZA

**REPORTAGEM FOTOGRÁFICA SOBRE OS SENTIMENTOS DE SOLITUDE
E SOLIDÃO NA SOCIEDADE EM REDE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof.a Dra. Liliane de
Lucena Ito

BAURU/SP

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S719r

Souza, Joyce Lopes de

Reportagem fotográfica sobre os sentimentos de solidão e solidão na sociedade em rede / Joyce Lopes de Souza. -- 2021.
60f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane de Lucena Ito

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro
Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Fotografia. 2. Jornalismo. 3. Narrativas Visuais. 4. Reportagem
Fotográfica. 5. Saúde Mental. I. Ito, Liliane de Lucena. II. Título.

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

JOYCE LOPES DE SOUZA

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA SOBRE OS SENTIMENTOS DE SOLITUDE
E SOLIDÃO NA SOCIEDADE EM REDE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo - Centro
Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Liliâne de Lucena Ito
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Leire Mara Bevilaqua
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. Dr. Denis Porto Renó
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Dedico este Trabalho de Conclusão de curso, respeitosamente, a todos os meus colegas da comunicação e futuros jornalistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado saúde, sabedoria, fé e esperança para continuar e prosperar com o meu sonho, ao longo de todo o curso.

Agradeço a minha mãe, irmã e avós, meus familiares e amigos por terem me acompanhado com paciência, por estes quatro anos, rumo a minha graduação.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a Prof.a Dra Liliane de Lucena Ito, por toda dedicação, apoio e suporte para realização do desenvolvimento deste trabalho. Um ser humano incrível, doce e motivador, que não me deixou desistir em nenhum momento. Muito obrigada, Lili!

Sou grata também por cada professor que passou em minha vida ao longo de toda a graduação, que dispuseram de conhecimento, tempo e dedicação para formar futuros jornalistas. O meu muito obrigada a todos!

Agradeço a todas as empresas que me proporcionaram uma oportunidade de trabalho, expandindo os meus conhecimentos adquiridos em sala de aula. Em especial a todos os meus clientes da fotografia que contrataram o meu trabalho, fortalecendo o meu sonho em trabalhar com comunicação.

Deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos ao Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO, que realizou o meu sonho de cursar Jornalismo, em especial aos coordenadores e profissionais que organizaram e auxiliaram em cada evento que enriqueceu ainda mais os meus conhecimentos.

Os meus mais sinceros agradecimentos a todos.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda a elaboração de uma reportagem fotográfica hipermidiática. O tema sobre saúde mental foi escolhido devido aos índices de depressão e ansiedade no Brasil. Os assuntos discutidos envolvem a representatividade e autonomia da fotografia como reportagem no jornalismo e a significação narrativa da imagem. Desse modo, questiona-se se é possível a imagem dentro do jornalismo ser a fonte de narrativa de uma reportagem no

ambiente digital. A hipótese central é que a fotografia tem capacidade de representação e transmissão de mensagens por meio de recursos audiovisuais para narrar uma reportagem somente com imagens, para pesquisa e comprovação ou não dessa hipótese, foi produzida uma reportagem fotográfica que narrou o tema “Os sentimentos de solidão e solidão em sociedade em rede”. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a representatividade da imagem fotográfica no jornalismo, bem como pesquisa documental e a aplicação de técnicas de entrevista e produção jornalísticas para a produção da reportagem. Como resultados, observou-se que a imagem, quando trabalhada a partir de técnicas fotográficas e apresentada com apoio de dados, não só se coloca como protagonista, como também tem o poder de estimular sensações sobre a temática abordada.

Palavras-chaves: Fotografia, Jornalismo, Narrativas Visuais, Reportagem Fotográfica, Saúde Mental

ABSTRACT

This course conclusion work deals with the elaboration of a hypermedia photographic report. The theme about mental health was chosen due to the depression and anxiety indices in Brazil. The subjects discussed involve the representativeness and autonomy of photography as a news report in journalism and the narrative meaning of the image. Thus, it is questioned whether it is possible for the image within journalism to be the narrative source of a report in the digital environment. The central hypothesis is that photography has the capacity to represent and transmit messages through audiovisual resources to narrate a report with images only, for research and proof or not of this hypothesis, a photographic report was produced that narrated the theme "The feelings of solitude and solitude in a network society". A bibliographical research was carried out on the representativeness of the photographic image in journalism, as well as documentary research and the application of interview techniques and journalistic production for the production of the report. As a result, it was observed that the image, when worked with photographic techniques and presented with data support, not only takes the lead, but also has the power to stimulate feelings about the topic addressed.

Keywords: Photography, Journalism, Visual Narratives, Photographic Reporting, Mental Health

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Reportagem do Uol Tab com colagens de imagens.....	31
Figura 2 - Reportagem especial do Uol Tab com mural de imagens e título ao centro.....	31
Figura 3 - Reportagem especial do Uol Tab com vídeo retratando uma narrativa da reportagem.....	32
Figura 4 - Reportagem especial do Uol Tab com hipertexto e colagem de imagens.....	34
Figura 5 - Reportagem especial do Uol Tab com vídeo.....	35
Figura 6 - Reportagem especial do Uol Tab com colagem de imagens.....	35
Figura 7 - Imagem que exemplifica a regra dos terços na fotografia.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Calibração da câmera para desenvolvimento do 1º ensaio.....	49
Tabela 2 - Calibração da câmera para desenvolvimento do 2º ensaio.....	51

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	10
1.2 PROBLEMA	13
1.3 HIPÓTESES	14
1.4 OBJETIVOS	14
1.4.1 Objetivo geral	14
1.4.2 Objetivos específicos	14
1.5 JUSTIFICATIVA	14
1.6 METODOLOGIA	Error! Bookmark not defined.
1.7 ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 A SOBERANIA DA IMAGEM NA CIVILIZAÇÃO E O ADVENTO DA FOTOGRAFIA	18
2.1.1 O FOTOJORNALISMO	23
2.1.2 NARRATIVAS VISUAIS DIGITAIS	27
2.2 A SOCIEDADE EM REDE E A SAÚDE MENTAL	35
2.2.1 OS SENTIMENTOS DE SOLIDÃO E SOLITUDE	40
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo retratar, por intermédio da fotografia e do jornalismo, o sentimento de solidão e solidão na sociedade em rede, por meio de uma reportagem hipermédia, a fim de oferecer informação e estimular o debate sobre o assunto com outros membros das redes de sociabilidade (CARDOSO, 2009). A reportagem produzida está disponível no link: <https://readymag.com/u3286964789/3147976/> e recomenda-se o acesso via desktop.

Tais redes conectam a sociedade a partir dos meios de comunicação e plataformas de comunicação online: de acordo com a pesquisa do Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (AGÊNCIA BRASIL, 2020), cerca de 134 milhões de brasileiros têm acesso à internet.

Essa conectividade faz com que o usuário esteja presente e conectado com outras pessoas no meio virtual recebendo, diariamente, informações. O filósofo Pierre Lévy exemplifica bem essa questão ressaltando que:

A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica [...] o transbordamento caótico de informações, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias e a guerra das imagens (LÉVY, 1999, p. 11).

Num mundo onde, com base nos dados da Organização das Nações Unidas (ONU NEWS, 2019), 53,6% da população está conectada, os sentimentos de solidão – estado de quem está só ou de quem se sente desta forma mesmo estando rodeado por outras pessoas (DICIO, 2019) – e o de solidão – condição de quem se isola propositalmente ou está em um momento de reflexão e de interiorização (DICIO, 2021) – e pautas como saúde mental, depressão e ansiedade são cada vez mais recorrentes. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), em pesquisa divulgada em 2020, o Brasil é o país com a maior taxa de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo e o quinto em casos de depressão. As estatísticas apontam que 23,9% dos brasileiros têm algum transtorno de ansiedade e a depressão afeta 5,8% da população.

Os conflitos emocionais vivenciados pelo indivíduo são o fator-chave no desenvolvimento de doenças mentais, e manter a saúde mental, segundo a Secretaria da Saúde de Curitiba (SECRETARIA DA SAÚDE, 2021), é ter a capacidade de saber lidar com as questões emocionais que as pessoas vivenciam diariamente, como o amor, a alegria, a tristeza e a raiva, sabendo equilibrar estes sentimentos de forma a não se sentir atingido gravemente. Ainda segundo a mesma fonte, a saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções.

Ao buscar referências visuais sobre o tema saúde mental, é possível encontrar alusões no cinema, na literatura, nas artes plásticas e em diversas manifestações artísticas humanas e esses sentimentos são expressados por meio da imagem, pois ela interpreta a expressão da cultura humana, servindo como um meio de comunicação (SANTAELLA, 2001). A imagem é capaz de formular experiências sensoriais e visuais de tempo e espaço, representando assuntos perceptíveis e visíveis ao mundo, como questões sobre depressão e ansiedade, sendo possível observar um avanço da imagem como um meio representativo no qual tempo e espaço sofrem mutações em uma imagem de espaço virtual, por meio de suas características (SANTAELLA, 2007).

Para a escritora, cineasta e filósofa Susan Sontag (2010, p.169) “A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens; e os filósofos, desde Platão, tentaram dirimir nossa dependência das imagens ao evocar o padrão de um modo de apreender o real sem usar imagens”. É fato que as fotos são um meio de representação da realidade, não se pode possuí-la, porém pode-se possuir imagens, sendo um instrumento qualificado de relação com o mundo:

Ao saber muito do que se passa no mundo (arte, catástrofe, belezas da natureza) por meio de imagens fotográficas, as pessoas não raro se frustram, se surpreendem, se sentem indiferentes quando veem a coisa real. Pois imagens fotográficas tendem a subtrair o sentimento de algo que experimentamos em primeira mão, e os sentimentos que elas despertam, em larga medida, não são os mesmos que temos na vida real (SONTAG, 2010, p.184).

O uso da imagem em jornais e revistas é realizado como um horizonte que registra lampejos da realidade, o registro que remete à cena física ou real,

justificando a presença de fotos nos conteúdos jornalísticos (BUITONI, 2011). A narrativa posta em uma foto isolada tem o mesmo poder expositor que um fragmento de ação, apresentando uma narratividade latente apta a fazer interface com o texto, pois o jornalismo é intrinsecamente narrativo por relatar acontecimentos e ações de pessoas, animais e meio ambiente. A pesquisadora Dulcilia Buitoni (2011, p.90) explica que

A foto jornalística está vinculada a valores informativos e/ou opinativos e à veiculação num órgão dotado de periodicidade. A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajudam a classificar esse tipo de foto (BUITONI, 2011, p.90).

Dessa forma a fotografia jornalística busca movimentos de ação que trazem significado à mensagem que a imagem pode transmitir, um fotógrafo que é sensível às comunicações não-verbais têm a capacidade de captar informações que não são ditas através de palavras, e por mais que a fotografia seja apenas um recorte dos acontecimentos, existe uma presença implícita da cena como um todo.

A imagem também está presente no jornalismo online, por meio de sites, portais e interfaces navegáveis, gerando novos processos midiáticos, estreitando o diálogo com núcleos informativos através dos recursos disponibilizados pelas hipermídias, reconfigurando a produção e a disseminação de notícias. A combinação de leitores, usuários e jornais permanece ampliando o papel do jornalismo em dar conta da complexidade diária, oferecendo conteúdo ao seu público (LEMOS, 2001).

Com base nestas informações, o produto deste trabalho aborda, por meio de uma reportagem hipermídia fotográfica, o tema “Os sentimentos de solidão e solidão na sociedade em rede”, e, para tal, buscou-se o aprofundamento nos estudos da imagem dentro do jornalismo online.

1.2 PROBLEMA

Sabendo-se que a imagem é um intermédio de expressão da cultura humana, e serve como um meio de comunicação, entende-se que ela é capaz de formular experiências sensoriais e visuais, representando assuntos perceptíveis ao mundo. E entendendo que a imagem também está presente no jornalismo online, por meio de sites, portais e interfaces navegáveis, gerando

novos processos midiáticos e estreitando o diálogo com núcleos informativos, questiona-se: é possível a imagem dentro do jornalismo ser a fonte primordial da narrativa de uma reportagem no ambiente digital?

1.3 HIPÓTESES

- A fotografia tem capacidade de representação e transmissão de mensagens por meio de recursos audiovisuais para narrar uma reportagem somente com imagens.
- O leitor tende a uma maior compreensão do assunto quando reportagens utilizam de imagens para construir sua narrativa.
- A imagem narrativa no jornalismo se faz presente em diversas modalidades, não só na fotografia, mas também no vídeo, na ilustração e na composição fotográfica.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Produzir uma reportagem fotográfica que narre o tema “Os sentimentos de solidão e solidão na sociedade em rede”.

1.4.2 Objetivos específicos

- Realizar pesquisa bibliográfica sobre a representatividade da imagem fotográfica no jornalismo;
- Representar o sentimento de solidão e solidão por meio da reportagem fotográfica;
- Contribuir com os estudos sobre a correlação da fotografia com o jornalismo online.

1.5 JUSTIFICATIVA

Atualmente, nota-se uma inserção significativa do texto e da imagem em um mesmo produto, como a exemplo das reportagens, comunicando-se de múltiplos pontos em uma rede globalizada, a qual o formato de acesso muda de

forma substancial as características da comunicação (CASTELLS, 2002), integrando o jornalismo à fotografia.

A escolha do estudo das imagens para produção da reportagem fotográfica se dispõe do campo semântico das imagem, que possui uma divisão em dois domínios, do ponto de vista da pesquisadora Lúcia Santaella (2001), o primeiro como o domínio das imagens por meio de suas representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, representações do ambiente visual. E o segundo, o domínio imaterial das imagens da mente, as imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas e como representações materiais (SANTAELLA, 2001).

E o jornalismo integra-se aos recursos digitais disponíveis nos processos de produção, tratamento, disseminação e construção do jornalismo hipermídia, gerando novos processos midiáticos estreitando o diálogo com núcleos informativos através dos recursos disponibilizados pelas hipermídias, reconfigurando a produção e disseminação de notícia (LEMOS, 2001).

Quanto ao formato, justifica-se uma reportagem fotográfica com base nos estudos da escritora, cineasta e filósofa Susan Sontag, em que ela reflete sobre o poder significativo da imagem e em como elas modificam e ampliam as ideias sobre o olhar e o observar, também ressaltando sobre o poder gramático e ético do ver (SONTAG, 2010), gerando a possibilidade de exercer sensações que perpassam o imaginário.

Sontag (2010) exemplifica de forma primorosa o poder informativo que uma imagem transmite e em como ela pode ser reveladora para uma sociedade, além do seu poder sensível de retratar os fatos. Dessa forma, ela explica que as imagens são utilizadas por veículos para alcançar pessoas que não possuem facilidade de leitura, proporcionando o direito à notícia (SONTAG, 2010).

Seguindo os mesmos princípios sobre o sentido da imagem e seu poder informativo, além da escritora, cineasta e filósofa Susan Sontag, para se aprofundar neste assunto também foi escolhida a pesquisadora Lúcia Santaella, que identifica a imagem como uma

Representação mental. O conceito de imagem se divide num campo semântico. Um descreve a imagem direta perceptível e o outro contém uma imagem mental simples. O conceito de imagem compreende também a imagem verbal e a imagem mental (SANTAELLA, 2001, p. 26-38).

O trabalho tem relevância dentro da sociedade pois o método de reportagens fotográficas já é utilizado por veículos de comunicação como o UOL TAB, o New York Times e o Daily News, que se denomina “Jornal de Imagens de Nova York” de acordo com Sontag (2010). As imagens fotografadas são pedaços e miniaturas da realidade, onde qualquer indivíduo pode fazer ou adquirir, possuindo um novo significado da ideia de informação construída em torno da imagem fotográfica, e é uma fina fatia de espaço bem como de tempo, dessa forma a realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens (SONTAG, 2010).

Como pesquisadora e profissional da imagem, esta autora reconhece a fotografia presente e ganhando espaço diariamente nos veículos de comunicação e entende que as narrativas visuais, utilizando da imagem para o desenrolar das reportagens já é uma realidade constante, por isso a escolha do objeto vem ao encontro da evolução dos formatos comunicacionais dentro do jornalismo digital, além da sensibilidade com a qual as imagens podem retratar os temas. A especificidade do objeto de pesquisa em retratar sentimento de solidão e solitude resulta da observação pessoal da sociedade e em como têm aumentado os índices de doenças relacionadas à saúde mental, como depressão e ansiedade.

1.6 ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O trabalho de conclusão de curso está organizado em cinco capítulos. A descrição do conteúdo dos mesmos se dá a seguir:

Capítulo 1: projeto de pesquisa com as etapas de introdução e revisão de literatura, problema de pesquisa, hipóteses, objetivos (gerais e específicos), justificativa, e estrutura do relatório de fundamentação teórica.

Capítulo 2: destinado à fundamentação teórica do projeto, dividida em quatro subtemas: fotojornalismo, narrativas visuais digitais, sociedade em rede e a saúde mental, e os sentimentos de solidão e solitude. O capítulo traz informações e teorias acerca do tema do trabalho, abordando sobre a evolução da fotografia, a ascensão do fotojornalismo, jornalismo hipermídia, a ascensão das redes sociais e a saúde mental, finalizando com estudos sobre os sentimentos de solidão e solitude na sociedade.

Capítulo 3: destinado à etapa de procedimentos metodológicos do trabalho. Este capítulo conta com detalhes sobre livros, autores, teorias e documentos utilizados como base ao longo do trabalho, além das técnicas utilizadas no desenvolvimento do produto.

Capítulo 4: discussão de resultados detalhando cada etapa do desenvolvimento do produto que compõe este trabalho de conclusão de curso.

Capítulo 5: destinado às considerações finais, com base nas hipóteses levantadas e na análise dos conteúdos produzidos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SOBERANIA DA IMAGEM NA CIVILIZAÇÃO E O ADVENTO DA FOTOGRAFIA

A comunicação passa por idades que são caracterizadas em conjunto com a história da existência humana, tendo consequências tanto de uma forma geral, quanto de uma forma social, resultando na comunicação que é utilizada atualmente. O teórico Melvin L. DeFleur (1993, p. 22) explica que a comunicação foi “associada ao desenvolvimento da sinalização, da fala, da escrita, da impressão e da comunicação com os veículos de massa conforme os conhecemos hoje.” É possível nomear, por meio de uma observação global, que a era dos símbolos e sinais começou cedo na vida pré-hominídea, porém, passaram-se milhões de anos até introduzirem gestos e sons padronizados como forma de se comunicar (DEFLEUR, 1993). O teórico afirma através de estudos que “as pessoas na Era de Símbolos e Sinais tinham de manter suas mensagens simples, e tinham de transmiti-las vagarosamente (...) seus meios de comunicação eram ineficientes e complicados em comparação com o sistema de linguagem” (DEFLEUR, 1993, p.29). A qual foi modificada ao longo das gerações, dessa maneira, o comportamento humano influenciou de forma direta o comportamento dos demais, em aspecto individual e social (DEFLEUR, 1993).

É possível notar que os processos de comunicação em uma sociedade relacionam-se com a rotina e modo de vida das pessoas. Com o passar do tempo os seres foram evoluindo sua comunicação, em destaque o povo Cro-Magnon, que produziram pinturas nas paredes de cavernas. As pictografias convencionais eram imagens de acontecimentos que representavam um avanço em relação à recordação e registros diários da rotina daquele povo, e para um entendimento geral, existia uma certa padronização na forma de desenhar, para que fosse de entendimento geral a decodificação dos desenhos (DEFLEUR, 1993).

O processo de comunicação é contínuo e exerce um papel importante dentro da sociedade. Muito antes dos meios de comunicação, como o livro, rádio, cinema, TV e internet, o processo de comunicar já existia. Para uma comunicação mais ampla e de alto alcance, alguns mecanismos foram sendo

desenvolvidos ao longo dos séculos, e a linha histórica entre a mídia impressa e o cinema como mídia de massa (DEFLEUR, 1993), por exemplo, perpassa alguns pontos importantes na sociedade: “A aplicação bem-sucedida da tecnologia de impressão à reprodução de textos em lugar da escrita, em meados do século XV, foi apenas o primeiro passo no surgimento, que hoje chamamos de ‘instituição de mídia’” (MCQUAIL, 2013, p.33).

Um dos grandes feitos humanos de todos os tempos foi a criação da impressão. Com o modo manual de cópias o número de livros disponíveis ficava restrito e só podiam ser adquiridos por pessoas de consideráveis recursos. A impressão trouxe uma modificação considerável, com centenas de cópias de um determinado livro que eram reproduzidas com grande precisão. Apesar de ser uma evolução técnica que teve início na China e na Coreia, é válido ressaltar que em 1438 o alemão Johannes Gutenberg inventa a prensa, mais conhecida como prensa de Gutenberg, que com os tipos móveis facilita a “impressão” de papéis, utilizados para documentos institucionais, como registros, atas, dinheiro e selos (MCQUAIL, 2013).

Ao avançar na linha histórica do tempo, mais precisamente em 1820, com a Revolução Industrial, ocorre um desenvolvimento das ciências, desde processos de transformação econômica, social e cultural, uma série de invenções que influenciaram decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental e inovador de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras, implantação das estradas de ferro; os conflitos armados e as expedições científicas, a par dos convencionais retratos de estúdio - gênero que provocou a mais expressiva demanda que a fotografia conheceu desde seu aparecimento e ao longo de toda a segunda metade do século XIX -, são alguns dos temas solicitados aos fotógrafos do passado (KOSSOY, 2001, p.27-28)

Com a chegada desse artefato, o mundo torna-se conhecido aos olhos das pessoas com base na fotografia, o homem passa a ter acesso, através da

imagem, ao que antes era desconhecido, ampliando suas realidades que eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica (KOSSOY, 2001).

De acordo com o fotógrafo e pesquisador Boris Kossoy (2001) a descoberta da fotografia, adjacente ao desenvolvimento da indústria gráfica, proporciona uma nova possibilidade, que surge com a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores. Com isso inicia-se um novo processo de conhecimento do mundo em detalhe, em termos visuais e contextuais. Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem aos diferentes retratos sociais, à informação visual dos hábitos e a fatos dos povos distantes. O fotógrafo ainda complementa que

Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado. A descoberta da fotografia propicia, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e portanto de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças à sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências). (KOSSOY, 2001, p.28-29)

Com base nessas informações Boris Kossoy (2001, p. 29) afirma que em função destes aspectos, a fotografia transformaria-se em arma temível, passível de manipulações, “na medida em que os receptores nela viam, apenas, a “expressão da verdade”, posto a resultante da “imparcialidade” da objetiva fotográfica”. No entanto, as imagens produzidas a partir da revolução industrial, que captaram diferentes contextos sociogeográficos, preservam a memória visual de incontáveis pedaços do mundo, com cenários e personagens, ao longo de toda a história, desde sua criação (KOSSOY, 2001).

O fotógrafo e pesquisador (KOSSOY, 2001, p.29-34) ainda afirma que “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”, dessa forma, as fontes fotográficas tornaram-se uma fonte de investigação e descoberta, que promete resultados ao sistematizar suas informações e estabelece metodologias adequadas de pesquisa e análise de conteúdos, que resulta na realidade do que foi fotografado.

Voltando o olhar para uma forma sociológica da imagem, de acordo com o escritor e sociólogo José de Souza Martins (2008, p.10), o visual torna-se um documento e instrumento necessário na leitura sociológica dos fatos e dos fenômenos sociais, “Não só como documento em si, mas também como registro que perturba as certezas formais, oriundas do cientificismo que domina a Sociologia desde o seu nascimento”. Uma concentração de interesses em relação aos que entendem que a imagem pode ser somente ilustração do discurso sociológico verbal ou escrito.

Em particular na Sociologia, a imagem, sobretudo a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria prima do conhecimento. É nos resíduos sociológicos que está a imensa riqueza da informação visual. Tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referências sociológicas, que são dificuldades de sua insuficiência de suas limitações (MARTINS, 2008, p.11)

Martins (2008, p.34) afirma que a fotografia é uma expressão visual da realidade social, que ainda busca um espaço na sociabilidade contemporânea, “Talvez porque tenha sido, por muito tempo, a mais popular de todas, ao alcance de um leque amplo de usuários e instrumentalizada por uma variedade significativa de imaginários”, somando com suas diversas funções, desde os aspectos técnicos, até mesmo aos artísticos, passando do lazer à memória do homem, nota-se que a câmera e a lente permitem um olhar que por outros meios não podem ser vistos, que registra fragmentos de um momento de processo social, legitimando o documento sociológico,

A fotografia vista como conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade moderna a sociedade tradicional, memória do comunitário dura que não permanece memória de uma sociedade de rupturas, e não decorações e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e consecutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamento do que de afetos. (MARTINS, 2008, p.34-45)

Dessa forma, com um olhar sociológico, entende-se que a fotografia não apenas documenta o cotidiano, ela faz parte de um imaginário que revela e

oculta a vida das pessoas fotografadas, a fotografia “conserta” o fato que na vida cotidiana a apresentação social desmente a representação social (MARTINS, 2008).

Uma perspectiva similar é apontada pela escritora, ensaísta, cineasta, filósofa, professora Susan Sontag (2010, p.13), quando ela aponta que “As fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver”. Por fim, o resultado de destaque da atividade fotográfica é a sensação de reter o mundo inteiro em um só lugar. As informações fornecidas pelas imagens são valorizadas pela sociedade, em um aspecto social as fotos formam uma espécie de inventário para espiões, meteorologistas, médicos-legistas, arqueólogos e outros profissionais da informação (SONTAG, 2010).

As fotos foram vistas como um modo de dar informações a pessoas que não têm facilidade para ler. O Daily News ainda se denomina “Jornal de Imagens de Nova York”, sua maneira de alcançar uma identidade populista. No extremo oposto do espectro, Le Monde, um jornal destinado a leitores preparados e bem informados, não publica foto nenhuma. A suposição é que, para tais leitores, uma foto poderia apenas ilustrar a análise contida em uma matéria. Um novo significado da ideia de informação construiu-se em torno da imagem fotográfica (SONTAG, 2010, p. 32-33)

É com a foto que observam-se fragmentos do tempo, um mundo que possui imagens como base, a fotografia reitera uma visão nominalista da realidade social, que não admite a existência do universal, nem no mundo material, nem no mundo inteligível, como constituída de unidades pequenas, em número aparentemente infinito, assim como o número de fotos que podem ser tiradas de qualquer coisa é ilimitado (SONTAG, 2010). É por meio de fotos que o mundo torna-se uma série de partículas independentes, avulsas, a câmera torna a realidade atômica, manipulável e opaca, de acordo com Sontag (2010, p.32-33) a fotografia “É uma visão do mundo que nega a inter-relação, a continuidade, mas confere a cada momento o caráter de mistério”. Ela afirma que toda foto tem múltiplos significados, e que ver algo, em formato de imagem, é enfrentar um objeto de fascínio. A compreensão sublime da fotografia, para a autora, é dizer: “Aí está a superfície. Agora, imagine, o que está além” e conclui que as fotos, por si só, não podem explicar nada, elas são apenas “convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia” (SONTAG, 2010, p. 32-33).

2.1.1 O FOTOJORNALISMO

A fotografia, inserida no jornalismo, desenvolve um papel representativo, com capacidade de rever a si mesma e de contemplar representações do mundo através de imagens chocantes, irônicas, denunciantes, empáticas ou simplesmente informativas (SOUSA, 2002). O fotojornalismo tem como base descrever e narrar de forma imagética um acontecimento ou causa, contando histórias e notícias através das imagens. De acordo com o jornalista e pesquisador Jorge Pedro Sousa essa área do jornalismo recorre a junção da imagem e do texto, pois quando o assunto é fotojornalismo, o foco não é exclusivamente na imagem: “A fotografia é ontologicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem”. (SOUSA, 2002, p.9)

A imagem por si só não possui a capacidade de representar conceitos abstratos, como o de uma “inflação”, pode-se sugerir um conceito descritivo com números e etiquetas, porém, o conceito que essa imagem procuraria transmitir só seria claramente entendido através de um texto complementar. As fotografias da guerra, se o texto não ancorar o seu significado, podem ser símbolos de qualquer guerra e não representações de um momento particular da guerra em si

Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar uma impressão de realidade a uma impressão de verdade (SOUSA, 2002, p.9)

Para o autor Jorge Pedro Sousa (2002, p.10) os fotojornalistas necessitam conciliar intuição e sentido de oportunidade para determinarem se uma situação, ou um instante, é de potencial interesse fotojornalístico, tanto para avaliarem eticamente, quanto para a representarem fotograficamente. Por vezes, se faz necessária a exploração de diferentes ângulos, especialmente para coberturas de acontecimentos de rotina, que condensam um ou vários instantes nas imagens. É de conhecimento no setor da comunicação que há um tempo a

fotografia foi considerada quase como única fonte de registro visual da verdade, mas atualmente existe um consenso que a imagem pode representar e indicar a realidade, mas não ser um espelho fiel dos fatos (SOUSA, 2002).

Houve um momento histórico e cultural, que as tradicionais narrativas do fotojornalismo contribuíram para que certos acontecimentos fossem vistos como socialmente relevantes e importantes, em comparação a outros. Dessa forma, apenas determinados ocorridos são considerados foto notícias (SOUSA, 2002). Com isso, o fotojornalismo moderno desenvolve-se na Alemanha. Após a Primeira Grande Guerra, prosperam as artes, as letras e as ciências, tendo repercussão na imprensa, dentre desse contexto nos anos vinte e trinta do século XX, a Alemanha foi o país com mais revistas ilustradas. Posteriormente, tal influência artística tomou espaço na França, Reino Unido e Estados Unidos, com as revistas *Vu*, *Regards*, *Picture Post* e *Life*, entre várias outras publicações, o fotojornalismo foi tomando espaço e público nos países,

A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo. Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico com que se tenta contar a história. As fotos na imprensa, enquanto elementos de mediatização visual, mudam: aparecem a fotografia cômica, os foto ensaios e as foto reportagens de várias fotos (SOUSA, 2002, p.17)

A fotografia jornalística obteve espaço e ultrapassou o contexto exclusivamente ilustrativo e decorativo: “pela primeira vez, privilegiou-se a imagem em detrimento do texto, que surgia como um complemento, por vezes reduzido a pequenas legendas” (SOUSA, 2002, p. 18). Já nos Estados Unidos, são nos jornais diários que ocorrem relevantes mudanças para o futuro desse campo comunicativo. É na década de trinta do século XX que o fotojornalismo integra-se, de forma completa nos jornais diários norte-americanos, de tal modo que, no fim da década, e em comparação com o seu início, o número de fotografias nos diários aumenta de forma significativa.

Em uma perspectiva de linha do tempo, é possível estabelecer conexões entre fatores de desenvolvimento pessoais, sociais e culturais do fotojornalismo, e a mutação que o jornalismo diário dos Estados Unidos teve e exportou, dentre eles estão,

a) Poder de atracção e popularidade das fotografias, suportados por uma cultura visual que se desenvolvia com o cinema; b) Práticas documentais. Essas práticas provaram que o documentalismo tinha força e que as fotos podem ser usadas para fins sociais através da imprensa; c) Entendimento das imagens como fator de legibilidade e de acessibilidade aos textos, por parte do público e dos editores; d) Práticas de fotojornalismo de autor, em alguns casos nos próprios jornais diários; e) Mutações notórias no design dos jornais norte-americanos, entre 1920 e 1940, em interrelação com a proliferação de fotografias e com o melhor aproveitamento destas (por exemplo, as fotos aumentam de tamanho nos jornais); f) Modificações na edição fotográfica, privilegiando-se a foto de ação; g) Percepções inovadoras do jornalismo, devido à introdução da telefoto, em 1935; h) Aumento do interesse dos fotógrafos pelo fotojornalismo; i) Elevação definitiva do fotojornalismo à condição de subcampo da imprensa, devido à cobertura fotojornalística da Guerra Civil de Espanha e da II Guerra Mundial; j) Introdução de tecnologias inovadoras, como (1) câmaras menores, (2) teleobjetivas, (3) filme rápido e (4) flashes electrónicos. (SOUSA, 2002, p.20)

O jornalista e comunicador Jorge Pedro Sousa (2002, p.21), complementa em sua pesquisa que, para o fotojornalismo, os conflitos do pós-guerra representaram um terreno fecundo com relação às agências fotográficas, a par dos serviços de notícias, que tiveram um crescimento após a Segunda Guerra Mundial, se, por um lado, a fotografia jornalística e documental encontrou novas formas de expressão, “por outro lado a rotinização e convencionalização do trabalho fotojornalístico originou uma certa banalização do produto fotojornalístico”. Estas duas linhas de evolução coexistiram até os tempos atuais, porém, somente após a junção de uma terceira: a “foto ilustração”, nomeada como foto glamour, foto *beautiful people*, e foto institucional, que ganharam relevo na imprensa, sobretudo após os anos oitenta e noventa do século XX, época que marca o triunfo do design,

A Reuters, por exemplo, inclui a foto nos seus serviços em 1946, juntando-se a agências como a Associated Press. O fotojornalismo de autor, criativo, como o da opção Magnum, protagoniza uma existência algo marginal. A fundação de agências fotográficas e a inauguração de serviços fotográficos nas agências noticiosas foram dois dos factores que promoveram a transnacionalização da foto-press e o esbatimento das suas diferenças nacionais. Em alguns tipos de documentalismo e mesmo de fotojornalismo, porém, permanecerão vivas as ideias dos fotógrafos-autores (SOUSA, 2002, p.21)

Pelos anos 60, a concorrência na comunicação social aumentou, acentuando os aspectos negativos das concepções de indícios do jornalismo sensacionalista, tal fato provocou, aos poucos, o abandono da função sócio integradora que as mídias possuíam, em privilégio da espetacularização e

dramatização da informação (SOUSA, 2002). No fotojornalismo, esta mudança ocorreu mais no privilégio dado à captura do acontecimento sensacional e na industrialização da atividade do que na reflexão sobre os temas, as novas tecnologias, as pessoas, os fotógrafos e os sujeitos representados (SOUSA, 2002). De acordo com o jornalista Jorge Pedro Sousa (2002, p. 24) “O fotojornalismo tendeu a explorar os caminhos da sensibilidade, dirigindo-se, frequentemente, à emoção, e utilizando, com frequência, a foto-choque”.

Os aspectos mencionados acima são contextualizados na frase da jornalista e pesquisadora Simonetta Persichetti, pois ela menciona que a responsabilidade da informação foi deixada de lado e cada vez mais às imagens sensacionalistas ou espetaculares são produzidas, isso porque cabe ao fotojornalismo reinventar seu futuro para continuar a contar o mundo (PERSICHETTI, 2006). O que entende-se é que existe sim uma revolução visual, uma nova forma não só de produzir, mas também da forma como o público consome as imagens. Contudo, a “morte” do fotojornalismo não deve ser direcionada à evolução da tecnologia e sim da falta de criatividade em reinventar e fugir do óbvio (PERSICHETTI, 2006).

Retomando aos dados apresentados pelo comunicador Jorge Pedro Sousa, a jornalista Simonetta Persichetti traz de forma mais detalhada que o fotojornalismo moderno iniciou-se na Alemanha em 1930, por meio de Erich Salomon, que iniciou uma nova fase da fotografia na imprensa, tendo a imagem como um elemento protagonista que cria o acontecimento e não mais apenas auxilia ou ilustra um texto (PERSICHETTI, 2006). Poucos anos depois, em 1936, nos Estados Unidos, a revista *Life* reitera a imagem do fotojornalismo como grande reportagem, tomando conta das revistas. Os acontecimentos eram contados por várias imagens, trazendo destaque e o investimento da imprensa (PERSICHETTI, 2006). Nos anos 90 é o momento do declínio do fotojornalismo mundial, de acordo com a jornalista Simonetta Persichetti (2006), as imagens perdem o engajamento e o sentido jornalístico e começam a assumir um papel publicitário, dessa forma a fotografia volta ao lugar de meramente ilustrativa, “Não é mais o impacto da imagem ou o horror que interessam, mas luzes e sombras, a dramaticidade construída por uma estética vazia” (PERSICHETTI, 2006, p.182).

Contudo, o professor e pesquisador Erivam Morais de Oliveira (2010), aponta que o fotojornalismo ensina um código visual, que transforma e amplia com base nos conceitos culturais observados: “O registro fotográfico sinaliza a existência de determinados cenários socioculturais, econômicos e políticos, podendo refletir, e a fotografia é um instrumento pedagógico de conscientização da realidade na qual vivemos” (OLIVEIRA, 2010, p.428-430).

Dessa forma, a estética vazia, mencionada, é na realidade uma busca do real, atribuída muitas vezes, à fotografia. Seja pelos educadores e fotojornalistas que possuem o compromisso de estimular a reflexão e o ensinamento da consciência daqueles que "irão registrar nosso cotidiano por meio de imagens fotográficas, alertando para a importância da ética e do correto armazenamento das imagens e suas responsabilidades com a memória do século XXI" (OLIVEIRA, 2010, p.428-430).

Portanto, a imagem fotojornalística é utilizada para representação do real. Com papel de legitimar o instante fotografado e até mesmo realizar um recorte visual dos fatos. Para o professor e pesquisador Atílio Avancini (2011, p.51) “Isto é, um fragmento de determinado momento (tempo) em determinado lugar (espaço). A fotografia, em síntese, retém um traço da ação”.

O repórter visual não está em busca da informação superficial. Mas na valorização do cotidiano, mantendo-se fiel ao acontecimento. É fato, a fotografia revelada no jornalismo, seja ela analógica ou digital, é frequentemente mais lembrada do que a notícia escrita. (AVANCINI, 2011, p.65)

A imagem incorporada no jornalismo, é também texto. O fotojornalismo usa do exercício de validar as imagens para contar narrativas. A fotografia não simplesmente a ilustra, mas complementa os dados informados no texto e oferece credibilidade à matéria (AVANCINI, 2011).

2.1.2 NARRATIVAS VISUAIS DIGITAIS

Entende-se que a narrativa é um discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos (CASADEI, 2015). O fotojornalismo sempre representou um problema para os estudos da narrativa, afirma a comunicadora Eliza Bachega Casadei (2015, p. 29) “isso

porque se, é sempre possível dizer que uma fotografia conta uma história, há nas diferentes definições formais do termo ‘narrativa’ um elemento comum que representa um impasse para as imagens” sendo ela a temporalidade. Ela condiciona e produz toda a narrativa em tempo e espaço. O tempo está relacionado com a ordem temporal de sucessão dos acontecimentos na duração e a ordem da narrativa (CASADEI, 2015). Dessa forma, a comunicadora aponta que,

O fotojornalismo apresenta um problema para os estudos de narrativa, na medida em que ele fixa a temporalidade em uma imagem inerte. A imagem produzida pelo fotojornalismo é muitas vezes posta como uma figura sem duração, na medida em que congela a temporalidade de um evento (CASADEI, 2015, p.30).

A temporalidade do fotojornalismo e sua articulação narrativa está no entrecruzamento do visual e do visível, de onde ela tirará a sua inteligibilidade. Nessa combinação entre o visual e o visível ocorre um “antes” e um “depois” para a imagem fotojornalística, é possível dizer que ela narra uma história (CASADEI, 2015).

A narrativa fotojornalística nunca foi pensada como uma narrativa que espelhará os acontecimentos exteriores que buscava retratar, embora esse fosse sempre o seu objeto de desejo. E “aqueles que creem que a fotorreportagem é seletiva e objetiva (...) mostram uma falta absoluta de entendimento a respeito dos problemas e do funcionamento próprios da profissão”. E isso porque “o fotojornalista não pode ter mais do que um enfoque pessoal: é impossível que ele seja totalmente objetivo” (SMITH, 2003, p. 209).

As estratégias narrativas utilizadas por jornalistas seguem determinados padrões que resgatam códigos de reconhecimento social, e de acordo com a comunicadora (CASADEI, 2015) às noções técnicas de composições partilham uma sensibilidade ao pautar o ocorrido, onde o fotojornalismo participa da estetização do acontecimento, que legitima a forma de se contar uma história a partir de imagens.

Eliza Casadei (2015, p.29), reitera que “a composição fotográfica pode ser definida como um processo de organização dos elementos visuais para a produção de uma imagem coerente, trata-se da articulação da imagem enquanto um espaço narrativo”. Olhar o fotojornalismo partindo dos elementos da composição fotográfica que formam as imagens permite isolar as escolhas

realizadas pelo jornalista na estruturação imagética (CASADEI, 2015).

Já o desenvolvimento de narrativas mais complexas partem de conteúdos imagéticos, iconográficos, visuais, e não apenas textuais, como observa-se desde a invenção da prensa por Gutenberg (RENÓ, 2020).

Dessa forma, pós-fotorreportagem entra nessas narrativas como um formato jornalístico contemporâneo que adota a imagem como protagonista (RENÓ, 2020). De acordo com o jornalista e pesquisador Denis Renó

A sociedade voltou a se comunicar fundamentalmente por imagens. Trata-se de uma comunicação diversa, em uma combinação de vídeo, fotografia, iconografia e mapas que constroem um emaranhado midiático denominado por Fontcuberta (2016) como pós-fotografia. Para o autor, os produtores midiáticos já não diferenciam esses formatos. Muito pelo contrário, reúnem todos eles em um mesmo espaço, potencializando, assim, a comunicação (RENÓ, 2020, p.3).

A sociedade constrói potenciais ambientes narrativos, onde a pós-fotorreportagem entra como um novo formato do fazer jornalismo, que considera todas as possibilidades imagéticas disponíveis. O pesquisador e comunicador Denis Renó (2020) ainda ressalta que “Trata-se de uma mescla de vídeos, fotos, infográficos, mapas e recursos iconográficos reunidos em um único espaço” (RENÓ, 2020, p. 12).

O usuário acessa os conteúdos reunidos em uma narrativa, e inicia uma experiência audiovisual, com imagens em movimento, mesmo que tal movimentação seja, de fato, simbólica (RENÓ, 2020).

A exemplo disso, os conteúdos da plataforma digital de notícias UOL TAB reproduzem de forma eficaz esses modelos, com a junção de imagens, ilustrações, recursos audiovisuais e narrativas imagéticas.

Figura 1. Reportagem do Uol Tab com colagens de imagens



Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/rainha-da-noite> >

Figura 2. Reportagem especial do Uol Tab com mural de imagens e título ao centro



Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/> >

Figura 3. Reportagem especial do Uol Tab com vídeo retratando uma narrativa da reportagem



Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/> >

As novas produções de conteúdos são pautadas em novas características, como o hipertexto e a hipermissão. Essas características vão da junção do hipertexto com a multimídia e são caracterizados como uma mídia expandida. Dessa forma, a hipermissão pode ser considerada a convergência do hipertexto com a multimídia, disseminando de forma considerável devido a navegação aberta, com novas plataformas de acesso à informação, celulares, painéis digitais, entre outros, que se encontram intrínsecos a ferramentas e recursos da internet (LEMOS, 2001).

Pierre Lévy (1999), explica que o ciberespaço especifica não só “a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY,1999, p.16). O pesquisador André Lemos (2001, p. 151) completa essa afirmação, e caracteriza um novo mundo virtual midiático, como um suporte aos processos cognitivos, sociais e afetivos, os quais realizam alterações da rede de tecnologia eletrônica e telecomunicações, em espaço social, onde os receptores do conteúdo se identificam e criam laços a partir desse novo contexto comunicacional.

O jornalismo se integra a esses recursos digitais disponíveis nos processos de produção, tratamento e disseminação, sendo a internet uma grande contribuidora no direcionamento e construção do jornalismo hipermídia. O jornalismo online se faz presente nas redes por meio de sites, portais e interfaces navegáveis, gera novos processos midiáticos estreitando o diálogo com núcleos informativos através dos recursos disponibilizados pelas hipermídias, ele reconfigura a produção e disseminação de notícia (LEMOS,2001).

O jornalismo hipermídia, de acordo com a jornalista e pesquisadora Liliane Ito (2019), é classificado como:

Uma etapa mais avançada do webjornalismo, em que cada vez mais se produz hipertextos enriquecidos com vídeos, áudios, infografias animadas, entre outros elementos, que colaboram para o delineamento de uma fase em que técnica e discurso são aperfeiçoados e voltados à exploração das características próprias do meio Internet (2019, p.164-167).

A pesquisadora (ITO, 2019) aponta que a hipermídia utiliza do hipertexto para apresentar informações, e agrega múltiplas mídias em uma única produção, como a reportagem fotográfica, pois cria conteúdos integrados e capazes de proporcionar experiências profundas em um único local, que produz um sentido e sentimento totalmente diferente das produções textuais. Que possibilita o surgimento de novas narrativas, livre de padrões pré-estabelecidos, que antes eram compostos por técnicas do jornal, da revista, do rádio ou da televisão, que ultrapassam os limites da representação e alcançam o real.

As imagens abaixo compõem uma reportagem especial do UOL TAB (2021) com o título “Volta para tua terra” e exemplificam as técnicas hipertextuais

citadas pela pesquisadora, agregando diferentes formatos de mídia que constroem a reportagem, como áudio, vídeo, hipertexto e interação (ITO, 2019)

Figura 4. Reportagem especial do Uol Tab com hipertexto e colagem de imagens



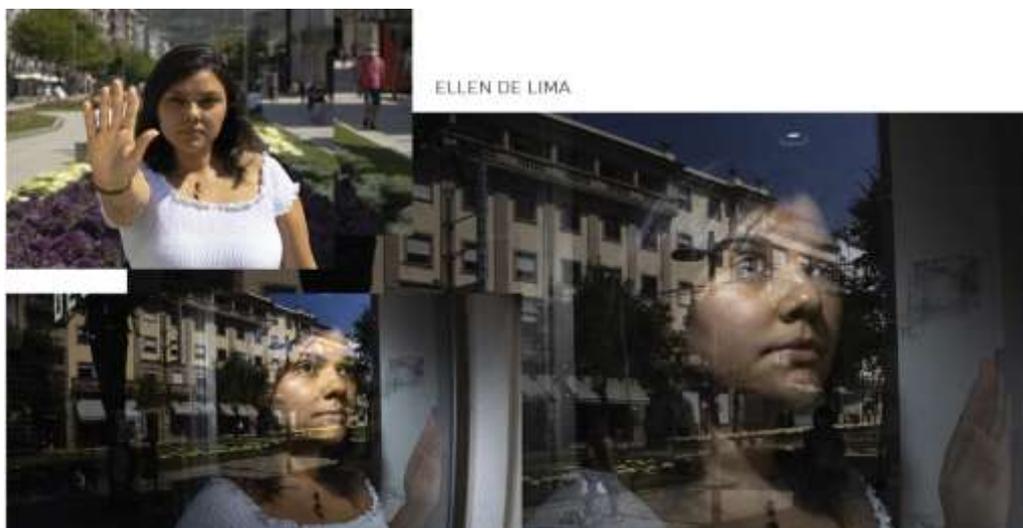
Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/> >

Figura 5. Reportagem especial do Uol Tab com vídeo



Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/> >

Figura 6. Reportagem especial do Uol Tab com colagem de imagens



Fonte: captura de tela do site < <https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/> >

Os formatos de textos fornecidos pelo jornalismo realizado em jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão e portais de notícias possuem a preocupação de informar e interpretar acontecimentos relativos ao mundo natural, estruturados em diferentes modos de organização. Já a reportagem permite uma construção textual mais narrativa, sequencial,acrônica ou argumentativa. Ela, enquanto formato jornalístico, é encaixada como gênero informativo e interpretativo. Isso se deve às variações do formato, sendo ela objetiva; de acontecimentos, de ação, de citações, interpretativa e de aprofundamento (MACEDO, 2019, p.85).

Tal narrativa mencionada acima, que está presente na fotografia e tem o mesmo potencial que a narratividade de um fragmento de uma ação (BUITONI, 2011, p.58). A professora e doutora Dulcilia Schroeder Buitoni (2011, p.58) afirma que o jornalismo tem “uma natureza intrinsecamente narrativa, pois relata acontecimentos e ações de pessoas, animais e meio ambiente. Daí podemos inferir que uma foto que apresenta uma narratividade latente estará mais apta a fazer interface com o texto”. A utilização de imagens em jornais e revistas, ocorre

de maneira a registrar a realidade, tais registros remetem a cenas físicas e reais, tornando-se uma justificativa plausível para presença de fotos e imagens nas páginas dos jornais (BUITONI, 2011).

A narratividade se aplica na reportagem hipermídia com a interatividade oferecida pelo hipertexto, como mencionado neste capítulo, pois ele tem um papel ativo do usuário em seu conteúdo, propiciado pela arquitetura hipertextual do meio internet. Ao unir diversas mídias em um único ambiente, no caso um reportagem, realiza-se uma imersão na narrativa (ITO, 2020).

No Brasil, é possível observar reportagens hipermídia em veículos como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e o portal de notícias UOL (ITO, 2020). A linguagem da hipermídia já ocorria nas reportagens impressas ou audiovisuais,

No impresso, havia a remediação da escrita e da fotografia, por exemplo, ao passo em que nas audiovisuais havia a remediação de som, imagem e linguagem escrita. Na web, entretanto, além das remediações de outros meios, remodelados para o ambiente digital e em rede, há a diferenciação da interação (ITO, 2020, p.2).

Dessa forma, “ao possibilitar a interação do usuário, a reportagem hipermídia enfoca a experiência de consumo do conteúdo, e não apenas o conteúdo em si” (ITO, 2020, p.2).

2.2 A SOCIEDADE EM REDE E A SAÚDE MENTAL

Na era da informação a sociedade está cada vez mais organizada em torno das redes. Elas constituem um novo formato social, que modifica processos, experiências e cultura. A presença na rede, ou ausência dela, comandam e transformam a sociedade, chamada de sociedade em rede, que é caracterizada pelos resultados que a rede pode causar na vida das pessoas. (CASTELLS, 2002).

O sociólogo Manuel Castells (2002, p.572) explica que “Os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera de relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda”.

Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado, a prática da política é crescente no

espaço da mídia. A liderança é personalizada, e a formação de imagem é a geração de poder. Não que toda política possa ser reduzida a efeitos de mídia ou que valores e interesses sejam indiferentes para os resultados políticos. Mas sejam quais forem os atores políticos e suas preferências, eles existem no jogo do poder praticado através da mídia e por ela, nos vários e cada vez mais diversos sistemas de mídia que incluem as redes de comunicação mediada por computadores (CASTELLS, 2002, p. 572)

E as consequências, que esse modelo de linguagem da mídia possui, reflete na sociedade como um todo. Ao mesmo tempo que a rede pode conectar e ligar todo um mundo, ela também pode fragmentar e segregar as pessoas, desconectando-os uns dos outros, refletindo sentimentos de solidão e solidão em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2002).

O processo comunicacional contemporâneo não se limita em construir um processo de ligação entre emissor e receptor, como antes, agora é fundamental oferecer experiência, pois o usuário utiliza a mensagem/notícia, e a transforma (RENÓ, 2020). O receptor/consumidor aciona mais mecanismos de participação na chamada sociedade em rede, a qual intensifica a posição ativa diante do consumo midiático.

Em uma sociedade de informações, a rede torna-se parte de uma organização central, que resulta em um novo método de comunicação dentro da indústria cultural (CARDOSO, 2009).

Um novo modelo comunicacional que possui como característica a fusão entre a comunicação interpessoal e a de massa, possibilitando a conexão entre audiência, emissores e editores de conteúdo de mídia em rede. Nesta condição, possibilita a afirmação de que a internet e a televisão são organizações centrais para emissão de conteúdo de mídia, sendo uma comunicação que se estabelece com a utilização da mídia de massa (televisão, rádio, jornal) articulada com a comunicação interpessoal de dispositivos móveis (CARDOSO, 2009).

Com base nas informações acima e nos estudos do sociólogo Manuel Castells (2002, p.573), é possível observar que “Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social”

Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social. Não quer dizer que a história terminou em uma feliz reconciliação da

Humanidade consigo mesma. Na verdade, é o oposto: a história está apenas começando, se por história entendermos o momento em que, após milênios de uma batalha pré-histórica com a Natureza, primeiro para sobreviver, depois para conquistá-la, nossa espécie tenha alcançado o nível de conhecimento e organização social que nos permitirá viver em um mundo predominantemente social. É o começo de uma nova existência, sem dúvida, o início de uma nova era, a era da informação, marcada pela autonomia da cultura (CASTELLS, 2002, p. 573).

Ciclos de afirmação social ocorrem em três modelos diferentes de comunicação. O primeiro modelo é o da comunicação interpessoal, por sua troca bidirecional entre duas ou mais pessoas. O segundo modelo demonstra características de comunicação em sociedade, exemplificada pela mensagem de um para muitos, a qual um produtor envia uma única mensagem para um limitado número de pessoas. O terceiro modelo aponta que a comunicação de massa, com uso de tecnologia de mediação na prática, é um produto distribuído para uma massa de pessoas, sendo enviado para um público, que tem sua proporção desconhecida (CARDOSO, 2009).

Com a evolução dos modelos comunicacionais, é possível notar alterações significativas nos formatos de notícia e entretenimento, ligados à disponibilidade dos conteúdos produzidos pelo receptor, mas também juntamente às mudanças das empresas de mídia. Com a procura de novos formatos para trazer conteúdo e a diminuição da distância entre gêneros tradicionais de programas e novas produções, houve um reflexo direto na forma como os conteúdos são produzidos (CARDOSO, 2009).

A utilização de diferentes mídias, como do telefone à televisão, do jornal ao jogo de videogame, da internet à rádio e do cinema aos dispositivos móveis, é possível entender que o modelo comunicacional em rede é moldado por impulsos que induzem mudanças por meio da globalização, da mídia de massa e da comunicação interpessoal (CARDOSO, 2009).

O surgimento da mediação em rede, devido aos diferentes níveis de interação disponibilizados aos usuários, e a fragmentação e concentração de consumo por parte do público, resulta em uma mudança no equilíbrio entre produtor e consumidor. O público passa a buscar por conteúdos do seu interesse, com possibilidade de uma experiência de proximidade e familiaridade, sendo esse poder de identificação uma válvula, onde o público se apoia para ter

noção do mundo em que se insere. Esse consumidor/receptor produz conhecimento por meio de todas as notícias disponíveis em diferentes meios na rede, cruzando e analisando diferentes assuntos. Sendo o poder do reconhecimento tão relevante quanto o poder da comunicação (CARDOSO, 2009).

O receptor agora é reconhecido pelo produto que consome, exercendo um papel interativo na recepção de conteúdo, e tem por consequência as transformações tecnológicas, que originam um novo modo informacional de sociedade em rede. A produção de conteúdo torna-se uma ação, ou experiência, onde o indivíduo apropria-se dela e a transforma em seu benefício, obtendo um produto e consumindo-o, mesmo que de forma irregular (CASTELLS, 2002). O sociólogo Manuel Castells (2002) explica que tal experiência é “a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação entre as identidades biológicas e culturais (...) em relação aos seus ambientes sociais e naturais (...) construída pela eterna busca de satisfação das necessidades e desejos humanos” (CASTELLS, 2002 p.51-57). Com base nessas experiências, o ser humano na sociedade informacional tem acesso às novas tecnologias que integram o mundo e a comunicação, fixando-se ao longo da história, gerando cultura e identidades coletivas.

A integração dos meios de comunicação por meio do texto, imagem, som e o acesso que as pessoas tiveram a eles proporciona um cenário onde elas começam a produzir seus próprios produtos, modifica o fluxo de mão única das imagens, inovando a experiência de vida com relação às telas. Determina uma audiência segmentada e diferenciada, que embora consistente em questões de números, já não é uma audiência de massa, quando se pensa em simultaneidade e uniformidade no recebimento da mensagem. O sociólogo reitera a afirmação e exemplifica que “A nova mídia não é mais mídia de massa no sentido tradicional do envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea de massa. Devido à multiplicidade de mensagens e fontes, a própria audiência torna-se mais seletiva” (CASTELLS, 2002 p.413-424). Sendo assim, a audiência em questão é propensa em suas escolhas, tanto da mensagem, quanto do meio, intensificando sua relação entre emissor e receptor.

Entretanto, o abuso no uso de redes sociais e a constante avalanche

informativa própria da sociedade em rede têm provocado prejuízos à saúde mental de muitos usuários de Internet. De acordo com Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Psiquiátrica da América Latina (Apal), em entrevista para o portal de notícia UOL,

O ritmo de vida acelerado, a falta de qualidade do sono, de exercícios físicos, o excesso de trabalho e o uso excessivo das redes sociais são apenas alguns dos fatores que podem contribuir para o aparecimento da doença e todos eles estão fortemente presentes entre as pessoas nos dias atuais (UOL, 2019, on-line)

Somada à pressão exigida pelas redes sociais, o produtor de conteúdo está sempre fazendo algo surpreendente e divertido, e o receptor desse conteúdo pode entrar em um estado deprimido, de que a vida dele não é tão boa quanto o conteúdo que ele consome nas redes sociais (UOL, 2019).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (OMS, 2019), a saúde mental é considerada um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade. Com base nas informações da organização, saúde mental não está ligada à ausência de doenças, mas sim ao autoconhecimento, ao equilíbrio emocional e ao relacionamento interpessoal na sociedade, é um indivíduo que sabe dominar as próprias emoções. Pesquisas apontam (OMS, 2019) que ao menos 1 bilhão de pessoas convivem com algum transtorno mental, e o Brasil é o país com maior índice de pessoas com ansiedade no mundo. Um relatório emitido em 2018 ainda aponta que mais de 18,6 milhões de brasileiros, praticamente um décimo da população, enfrenta a doença, é válido ressaltar que a ansiedade é o segundo transtorno mental mais incapacitante do mundo, logo após a depressão (OMS, 2019).

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2021) define a depressão como um transtorno comum sério que interfere na vida diária do usuário, prejudicando a capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer e aproveitar a vida, causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológicos. Já a ansiedade, de acordo com um artigo realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC, 2021), é uma resposta normal do corpo humano a situações de estresse. Ela se torna um problema de

saúde mental quando é excessiva e passa a interferir na vida cotidiana da pessoa. O crescimento de distúrbios psicológicos como solidão, ansiedade e depressão decorre da busca incessante da felicidade em ações que muitas vezes distanciam o usuário de outras pessoas, pois ele associa felicidade ao consumo instantâneo. Com as redes sociais, ações momentâneas são valorizadas, elas beiram o transitório e a superficialidade, em destaque na última década, com as mídias sociais na palma da mão, uma sobrecarga sensorial que dificulta a reflexão sobre questões fundamentais da vida (FIOCRUZ, 2020).

2.2.1 OS SENTIMENTOS DE SOLIDÃO E SOLITUDE

Distúrbios psicológicos, transtornos mentais, depressão e os sentimentos de solidão e solitude na sociedade em rede relacionam-se a um isolamento físico e virtual de um indivíduo, sendo resposta emocional a um isolamento complexo e desagradável pelo qual a pessoa pode passar (ABCMED, 2018). A solidão inclui sentimentos ansiosos sobre a falta de conexão com outros seres humanos, é descrita como uma dor social, um mecanismo psicológico destinado a motivar um indivíduo a buscar conexões sociais. Frequentemente, a solidão é definida como a experiência desagradável que ocorre quando a rede de relações sociais de uma pessoa é deficiente de alguma maneira importante:

O sentimento de solidão pode ser experimentado mesmo quando o indivíduo está cercado por outras pessoas. As pesquisas têm mostrado que o sentimento de solidão ocorre em algum momento a todo mundo, incluindo pessoas dentro dos casamentos, relacionamentos sociais fartos, famílias e mesmo aquelas com carreiras de sucesso. Portanto, este sentimento não se deve apenas a um isolamento objetivamente constatável (ABCMED, 2018, on-line).

As causas do sentimento de solidão são variadas e incluem fatores sociais, mentais, emocionais e físicos. As pessoas podem experimentar sentimentos de solidão por muitas razões e muitos eventos da vida podem causá-lo, como a falta de relações de amizade durante a infância e adolescência ou a ausência física de pessoas significativas. A solidão é um sintoma de outro problema social psicológico, a depressão. Muitas pessoas experimentam a solidão pela primeira vez quando são deixadas sozinhas. O sentimento de solidão também pode ocorrer após qualquer outro evento de separação, como o

nascimento de um irmão, após a saída da casa dos pais em virtude do casamento, trabalho, estudo ou mudança de cidade. O sentimento de solidão pode ocorrer também dentro de relacionamentos íntimos nos quais os afetos presentes incluam raiva ou ressentimento e nos quais o sentimento de amor não possa ser recebido (ABCMED, 2018).

Pensadores apontam que a solidão é parte fundamental da condição humana. A escola existencialista do pensamento vê a solidão como a essência do ser humano, cada ser vem ao mundo sozinho, passa pela vida como uma pessoa separada e morre sozinho. Lidar com essa realidade e aprender como direcionar a própria vida com algum grau de interação é a tarefa humana. Outros pensadores existencialistas argumentam que se pode dizer que os seres humanos se envolvem ativamente uns com os outros e com o universo à medida que se comunicam e criam, por isso, o sentimento de solidão é basicamente a sensação de estar separado desse processo (ABCMED, 2018).

Há uma diferença entre sentir-se solitário e estar socialmente isolado. Deve-se fazer uma distinção entre o sentimento de solidão e a falta de interação social, já que sentimento de solidão é uma experiência inteiramente subjetiva, as pessoas tanto podem sentir-se solitárias se ficarem sozinhas quanto podem sentir o mesmo sentimento no meio de uma multidão. No entanto, pode-se estar objetivamente sozinho e não se sentir solitário se não há desejo de interação social. Há também sugestões de que cada pessoa tenha seu próprio nível ideal de interação social:

Um dos sentimentos presentes na depressão é o de solidão. Por outro lado, as pesquisas deixam claro que o sentimento de solidão e o isolamento social estão ligados a doenças mentais e físicas. A solidão pode prejudicar a saúde aumentando os níveis de hormônios do estresse (ABCMED, 2018, on-line).

O isolamento social pode ser voluntário ou involuntário, de acordo com a pesquisadora Maria Albertina Álvaro Marques (2017), o conceito de solidão exemplifica de forma eficaz essa situação. Etimologicamente, a palavra vem do latim *solitudo*, que significa solidão, retiro. Dessa forma, solidão significa igualmente estar só. No entanto, a confusão entre as palavras solidão e solitudo ocorre, às vezes elas são utilizadas como sinônimos e outras como conceitos diferentes. A palavra solitudo pode ser entendida como um estar só opcional. A

pesquisadora ainda pontua que, do ponto de vista psicológico, a não partilha afetiva implica no déficit comunicacional e relacional e por si só é um fator desencadeador de sentimentos de solidão, ou seja, da sensação de estar só. Dessa forma, a pessoa pode estar rodeada de outras pessoas e mesmo assim, sentir-se só (MARQUES, 2017).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa norteadora para fundamentação teórica foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica de conceitos-chave do estudo para a fundamentação dos capítulos teóricos. A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites (GERHARDT, 2009, p.37), buscando respostas para questionamentos voltados ao jornalismo e a fotografia, aprofundando-se em assuntos questionadores sobre as novas formas de comunicar. As obras utilizadas tiveram envolvimento com fotografia, fotojornalismo, comunicação, narrativas visuais, sociedade em rede e os sentimentos de solidão e solidão.

Para tanto, títulos como “Teorias da Comunicação de massa” Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach (1993), “Teorias da comunicação de massa” Denis McQuail (2013) e “Meios de comunicação e mudanças na política” de Valéria Almeida (2020), compõem o embasamento comunicacional de estudos desenvolvidos sobre os meios de comunicação de massa.

Para conhecimento histórico, teórico e prático sobre fotografia e fotojornalismo títulos como “Fotografia e História” de Boris Kossoy (2001), “Sociologia da fotografia e da imagem” de José de Souza Martins, “Sobre Fotografia” de Susan Sontag (2010), “Fotojornalismo - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa” de Jorge Pedro Sousa (2002), “A encruzilhada do fotojornalismo” de Simoneta Persichetti (2006), “Podem as imagens estáticas contar histórias?” de Eliza Bachega Casadei (2015) e “Pós-fotorreportagem e os desafios das novas narrativas audiovisuais” de Denis Renó (2020), tiveram extrema importância na composição dessa pesquisa, assim como assuntos sobre a pós-fotorreportagem e suas novas narrativas.

No âmbito comunicacional tecnológico, com as redes sociais e a internet, os títulos “Janelas do Ciberespaço” André Lemos (2001), “Cibercultura” Pierre Lévy (1999), “Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos” Marcos Carvalho Macedo e Yvana Fachine (2019), “Fotografia e Jornalismo, informação pela imagem” Dulcilia Schroeder Buitoni (2011), “Da

Comunicação de Massa para a Comunicação em Rede” Gustavo Cardoso (2021) e “Sociedade em rede” Manuel Castells (2002) pontuaram sobre as novas perspectivas do comunicar na internet e suas mudanças na entrega de conteúdos jornalísticos.

O desenvolvimento da pesquisa documental se assemelha com os passos da pesquisa bibliográfica. Existem os documentos que não receberam qualquer tratamento analítico, como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2008).

Para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. Assim, a pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, que são persistentes e continuados. Exemplos clássicos dessa modalidade de registro são os documentos elaborados por agências governamentais. Mas muitas pesquisas utilizam registros episódicos e privados, constituídos principalmente por documentos pessoais e por imagens visuais produzidas pelos meios de comunicação de massa (GIL, 2008, p.147).

Para análise documental de fotorreportagens e narrativas hipermediáticas, foram realizados métodos de leitura e análise de imagem e em portais de notícias, como o UOLTAB, que utilizam desses recursos em suas reportagens especiais. Analisar pode ser estudar, interpretar, decompor, referindo-se a jornada de conhecimento de certa realidade, dessa forma, efetuando um estudo mais completo, compreendendo e estruturando as ideias (LAKATOS, 2003, p.27). Para os autores Marconi e Lakatos (2003, p.27) “É a análise que vai permitir observar os componentes de um conjunto, perceber suas possíveis relações, passar de uma ideia-chave para um conjunto de ideias mais específicas, passar à generalização e, finalmente, à crítica”.

Para tais análises foram observados contextos de composição fotográfica, disposição de luz e personagens e montagem das narrativas. O professor e pesquisador Adriano Charles Cruz (2010) explica que as imagens desenvolvidas pelos fotógrafos trabalham com a luz, de forma a torná-lo um elemento estético que compõe e enquadram a narrativa, os personagens e todo o cenário a ser fotografado e narrado por meio da fotografia.

Os dados sobre saúde mental, sentimentos de solidão e solidão tiveram embasamento teórico por meio de dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), por meio de pesquisas desenvolvidas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC) e estudos realizados pela FIOCRUZ, contribuíram também os estudos da Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), a ABCMED e a pesquisa teórica “Solidão e sofrimento em pessoas maiores de 80 anos” desenvolvida pela profissional da saúde e doutora Maria Albertina Álvaro Marques.

Por fim, as técnicas utilizadas para a produção do produto, fotorreportagem sobre “Os sentimentos de solidão e solidão na sociedade em rede” teve como base as técnicas de fotorreportagem e as narrativas visuais, como uma nova técnica de informar por meio das imagens. De acordo com a pesquisadora e doutora em comunicação Raquel Ritter Longhi (2010),

Diferentes tipos de formatos jornalísticos com imagens têm sido produzidos pelo webjornalismo, num processo de adequação à linguagem hipermidiática do meio, que leva em conta em grande parte a remodelação de linguagens anteriormente estabelecidas pelo impresso, televisão, rádio e cinema. Mais especificamente relacionadas ao gênero fotojornalístico, sites noticiosos apresentam histórias fotográficas onde se destacam o slideshow, os especiais multimídia e as picture stories, ou fotorreportagens (LONGHI, 2010, p.1).

A pesquisadora ainda complementa que as fotografias, quando postas em conjunto, compõem uma série de imagens que procura construir uma narrativa desenvolvida com base em um tema. Com base nisso, a reportagem fotográfica aborda assuntos, histórias e notícias apenas com a fotografia, que torna as narrativas com imagens papel central no produto desta pesquisa.

As técnicas utilizadas para compor a produção do produto partem da angulação da regra dos terços. A regra dos terços é incorporada nas câmeras fotográficas como 3 linhas na parte superior, central e inferior, conforme imagem abaixo (MORAZ, 2008).

Figura 7. Imagem que exemplifica a regra dos terços na fotografia



Fonte: captura de tela do site < <https://www.infoescola.com/fotografia/regra-dos-tercos/> >

Ela contém princípios básicos, que toma por base o local onde as pessoas primeiro focalizam a de uma foto, visualizando primeiramente a interseção das linhas e não o centro. Que estabelece o alinhamento de traços naturais com as linhas da grade. Com base nessas informações, ao fotografar o produto que compõe este trabalho de conclusão de curso, foram utilizadas as intersecções da regra dos terços para ditar o olhar do leitor ao consumir as fotos produzidas para esta reportagem fotográfica (MORAZ, 2008).

4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para compor e hospedar o produto desenvolvido neste trabalho de conclusão de curso, algumas técnicas e recursos foram utilizados. A princípio o primeiro ensaio para composição do objeto precisou ser remarcado, devido ao mau tempo.

Na segunda tentativa, o ensaio foi desenvolvido utilizando-se a regra dos terços, mencionado no item anterior, e mais algumas técnicas da fotografia e da leitura imagética, como o *studium* e *punctum*, que são citados no livro do autor Roland Barthes (1984).

As fotos, no geral, utilizam dos três pilares da fotografia: abertura, velocidade e ISO, onde a baixa velocidade, o ISO baixo e a alta abertura proporcionaram uma maior exposição e captação do movimento de forma borrada e duplicada. Essas imagens que passam a sensação de movimento ainda possuem uma subexposição e a coloração preto e branco que auxiliaram na composição narrativa e representativa da depressão, da ansiedade e também do sufocamento que as redes sociais digitais podem causar em seus usuários, quando utilizadas em excesso.

As imagens foram realizadas em um Shopping de Bauru, em um dia de movimento. A intenção foi representar uma pessoa que aparenta estar presente de corpo, mas que o seu mental, ou a sua alma, estivesse longe, navegando nas redes. Para isso, as cores pretas foram utilizadas, assim como o uso de capuz, como se ela estivesse querendo se esconder, ou entrar em seu próprio mundo. É como se ela estivesse ali, mas ao mesmo tempo, como se ela quisesse estar em algum outro lugar, ou até mesmo vivendo uma outra vida. Abaixo, é possível observar a tabela com as configurações utilizadas para fotografar a primeira parte que compõe o produto imagético deste trabalho:

Tabela 1. Calibração da câmera para desenvolvimento do 1º ensaio

Câmera	
Fabricante da câmera	Canon
Modelo da câmera	Canon EOS Rebel SL2
Escala de número f	f/7.1
Tempo de exposição	1/2 s
Velocidade ISO	ISO-100
Ajuste de exposição	etapa 0
Distância focal	50 mm
Abertura máxima	1.75
Modo de medição	Padrão
Distância do objeto	
Modo do flash	Sem flash, obrigatório
Energia do flash	
Distância focal de 35 mm	

Fonte: Informações extraídas das imagens do produto que compõe este trabalho de conclusão de curso

As imagens, como mencionado acima, possuem os princípios de *studium* e *punctum* em sua composição. Para o teórico Roland Barthes (1984, p.45-47) o *studium* é uma experiência de afeto médio, ao qual você gosta, mas não ama, ele o reconhece como responsável por seu interesse em muitas fotografias. Dessa forma, o *studium* é uma espécie de educação, que permite encontrar e viver os propósitos das fotografias, mas vivê-las de certo modo ao contrário, segundo o querer espectador.

Muitas fotos, infelizmente, permanecem inertes diante do meu olhar. Mas mesmo entre as que têm alguma existência a meus olhos, a maioria provoca a mim apenas um interesse geral e, se assim pode dizer, polido: nelas, nenhum *punctum*: agradam-me ou desagradam-me sem me pungir: estão investidas somente no *studium* (BARTHES, 1984, p. 45-47)

Já o *punctum* é uma picada, um pequeno buraco, um acaso que punge e também mortifica. Sendo assim, o *punctum* pode ser lido como um elemento ativo, da ordem do aparecimento, jamais um sentimento buscado, possuindo o caráter de não codificável (BARTHES, 1984). Para o autor (BARTHES, 1984, p.46) ele é “Como uma flecha, o *punctum* é aquilo que penetra, que transpassa, que fere. Remete também à ideia de pontuação, como se algumas fotos fossem pontuadas por pontos sensíveis”. Com base nessas informações, o produto teve a proposta de trabalhar o *studium* e suscitar a experiência do *punctum* ao

espectador, revelando um ponto cego capaz de criar um campo imaginário, com sua narrativa imagética, que capacita o leitor a ver o exterior, e o sentimento que as fotos propõem.

Um segundo ensaio foi desenvolvido para contribuir na composição da reportagem imagética. Para esse, a regra dos terços foi novamente utilizada para compor as questões técnicas do desenvolvimento das fotos, com o objetivo de alcance dos conceitos de *punctum* (o objetivo das imagens) e *studium* (o subjetivo em cada uma delas). Para tal, a intenção foi transmitir os sentimentos de solidude, o agrado de se estar só e bem, com fotos mais estáticas, sem transmitir a frenesi da dupla exposição, como foi representada no ensaio que compõe a primeira parte do produto. Neste ensaio a edição foi realizada com baixa saturação, retirando a coloração das imagens, porém sem chegar ao tom preto e branco. A ideia em relação às cores da edição, era passar uma sensação de que o sentimento de solidude não é triste como o de solidão, que foram editadas em preto e branco.

Para construção dessas imagens novamente os três pilares da fotografia foram utilizados, assim como a regra dos terços, mas dessa vez com outras configurações: abertura, velocidade e ISO, onde uma velocidade moderada, para obtenção de nitidez foi utilizada, o ISO alto para obter a claridade na imagem e a baixa abertura proporcionaram a luminosidade adequada para uma imagem estática e nítida. Neste segundo ensaio, também foram desenvolvidas algumas imagens para representar o sentimento de solidão.

Por serem imagens estáticas, a busca por cenários que casassem com a narrativa foi um pouco mais difícil que o primeiro. A princípio, para as fotos que representassem a solidão, a ideia era produzi-las no cemitério desativado Lauro de Souza Lima, nas imediações do bairro Tangarás em Bauru, no entanto, por dificuldades para chegar até o local, as fotos foram desenvolvidas em um bairro adjacente que possui ambientação tão favorável quanto para as imagens. Assim como as ruínas de um bar localizado em frente a UNESP Bauru.

Já para a representação de solidude, o próprio quarto da personagem tornou-se cenário, por transmitir conforto, calma e tranquilidade. Elementos como a troca de roupa por peças mais claras, as luzes que compõem a decoração, a luminosidade e reflexo da janela, foram utilizados para transmitir a

sensação de estar bem em estar só, característica que representa a solidude.

Tabela 2. Calibração da câmera para desenvolvimento do 2º ensaio

Câmera	
Fabricante da câmera	Canon
Modelo da câmera	Canon EOS Rebel SL2
Escala de número f	f/4
Tempo de exposição	1/160 s
Velocidade ISO	ISO-3200
Ajuste de exposição	etapa 0
Distância focal	18 mm
Abertura máxima	4.125
Modo de medição	Padrão
Distância do objeto	
Modo do flash	Sem flash, obrigatório
Energia do flash	
Distância focal de 35 mm	

Fonte: Informações extraídas das imagens do produto que compõe este trabalho de conclusão de curso

Em ambos os ensaios foram realizadas edições para enriquecimento do produto visual. O software Adobe Lightroom, que é designado à edição rápida e armazenamento de fotos digitais, foi escolhido para desenvolver a questão estética da coloração preto e branca da imagem, e a redução da coloração, com ajustes na exposição, luminosidade, brilho, contraste, coloração e ângulo, refinando ainda mais as fotos.

Para hospedagem do produto na mídia, foi utilizado o site Readymag, uma plataforma online para exposição de portfólio e criação de conteúdos midiáticos, que trouxe interatividade e movimento à reportagem. Nele foram hospedadas as imagens fotografadas para compor o produto da reportagem “Os sentimentos de solidude e solidão na sociedade em rede”, explorando o design e as ferramentas disponíveis na plataforma, como: galerias, transições, textos e diagramações que auxiliaram na narrativa visual do produto.

As fontes *roboto* e *inter* foram utilizadas no título e a fonte *inter* no restante da composição dos textos que estruturam a reportagem fotográfica. Para compor o título foram utilizados os tamanhos 30 e 75 de fonte, e no restante da reportagem os tamanhos 30 e 60, tamanhos esses, é válido lembrar, de acordo com os mecanismos disponibilizados na plataforma *ReadyMag*. Foram utilizados

também alinhamentos à esquerda, à direita e centralizados, que compõem e complementam a estrutura das imagens e textos ao longo de toda a reportagem.

Para toda a composição e desenvolvimento de imagens e narrativas que constroem o produto deste trabalho, a pesquisa documental teve papel central ao agregar o conhecimento necessário sobre narrativa visuais, reportagens hipermídia e fotorreportagens.

Ao todo, para produzir o corpo da reportagem fotográfica, foram utilizadas 18 imagens, iniciando das mais escuras até as mais claras, acompanhando a narrativa do texto. Para representar a depressão, foram utilizadas imagens em preto e branco, algumas estáticas, demonstrando bastante solidão, em lugares vazios e isolados. Depois foram utilizadas imagens em lugares cheios e populares, que possuem movimento, demonstrando a ansiedade e o excesso do uso das redes, construindo uma sensação de que o personagem da foto passa pelo transtorno de ansiedade.

Para a transição de ansiedade, devido ao uso excessivo das redes e a solidão, foram utilizadas imagens estáticas que representassem o mundo das redes, o isolamento e sentimento de estar só. Ao final, para representar a solidão e o bem-estar de estar consigo mesmo, houve uma transição de cores na edição de imagem, que trazem um pouco mais de cor e clareza, além do personagem sorrindo e bem em seu ambiente de conforto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório de fundamentação teórica expôs como se chegou ao resultado da fotorreportagem “Os sentimentos de solidão e solidão na sociedade em rede”.

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi produzir uma reportagem fotográfica que narrasse o tema acima, por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre a representatividade da imagem fotográfica no jornalismo e que representasse o sentimento de solidão e solidão por meio da reportagem fotográfica. Todos os objetivos foram alcançados por meio da execução da fundamentação teórica e do desenvolvimento e conclusão da reportagem fotográfica hospedada no site <https://readymag.com/u3286964789/3147976/2/>.

Para tanto, suas principais hipóteses eram a de que: a fotografia tem capacidade de representação e transmissão de mensagens por meio de recursos audiovisuais para narrar uma reportagem somente com imagens; que o leitor tende a uma maior compreensão do assunto quando reportagens utilizam de imagens para construir sua narrativa; e que a imagem narrativa no jornalismo se faz presente em diversas modalidades, não só na fotografia, mas também no vídeo, na ilustração e na composição fotográfica.

Dentre as hipóteses citadas, conclui-se de forma positiva que fotografia tem sim a capacidade de representação e transmissão de mensagens, porém não com uma narrativa somente de imagens, pois o texto auxilia na construção da narrativa e compreensão do leitor sobre o assunto que está sendo abordado. Em contrapartida, ficou comprovado também que o leitor e receptor do conteúdo tende a uma maior compreensão e chama mais sua atenção quando a reportagem é composta com imagens, casando texto e recursos visuais, resultando na reportagem hipermedia. No entanto, a última hipótese não pode ser comprovada, pois não houve tempo hábil para o desenvolvimento de vídeos e ilustrações que compusessem a reportagem.

Este trabalho de conclusão de curso ajuda na compreensão do papel da imagem na sociedade, desde sua civilização até a atualidade. Ele traz reflexões e dados que auxiliam nos estudos sobre narrativas visuais, fotojornalismo, fotografia, reflexões sobre sociedade em rede e o poder que as imagens possuem ao traduzir e contar acontecimentos e fatos.

Desenvolver este trabalho, com a elaboração do produto, aperfeiçoou ainda mais o meu lado audiovisual que sempre foi de interesse ao longo de toda a graduação. Estruturar o produto, desde o roteiro, até a produção das imagens e montagem da reportagem, foi uma experiência enriquecedora que com certeza contribuiu e contribuirá na minha profissão como jornalista. Até mesmo os imprevistos e erros que foram cometidos no desenvolvimento do produto contribuíram para aprimorar o meu olhar e pensamento, quando o assunto for reportagem fotográfica e fotojornalismo.

Espero que esse trabalho de conclusão de curso inspire e auxilie os colegas de profissão, com pesquisas voltadas para fotojornalismo, narrativas visuais, hipermídia e fotografia.

E reitero a extrema importância em constantemente abordarmos sobre saúde mental e questões voltadas para depressão e ansiedade, principalmente no meio acadêmico e digital, onde ocorrem tantas angústias e aflições que acarretam transtornos do tipo.

REFERÊNCIAS

- ABCMED, 2018. **Sentimentos de solidão**. Disponível em: <<https://www.abc.med.br/p/psicologia-e-psiQUIATRIA/1326578/sentimentos+de+solidao.htm>>. Acesso em: 19 set. 2021.
- Agência Brasil. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>> Acesso em: 14 de mar. de 2021.
- ALMEIDA, Valéria. **Meios de comunicação e mudanças na política: esses homens poderosos e suas máquinas de comunicar**. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/539215/ALMEIDA_2016?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 25 de outubro de 2020.
- AVANCINI, A. **A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo**. Brazilian Journalism Research, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 50–68, 2011. DOI: 10.25200/BJR.v7n1.2011.285. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/285>. Acesso em: 28 out. 2021 >
- BARTHES, Roland. *Câmara clara - Nota sobre a fotografia*, Editora Nova Fronteira Rio de Janeiro, 1984.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo, informação pela imagem**. 6a edição. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CARDOSO, Gustavo. **Da Comunicação de Massa para a Comunicação em Rede**. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/301789805_Da_Comunicacao_em_Massa_a_Comunicacao_em_Rede_Modelos_Comunicacionais_e_a_Sociedade_de_Informacao> Acesso em 15 de maio de 2021.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Podem as imagens estáticas contar histórias? Sintoma e temporalidade nas teorias da narrativa no fotojornalismo**, SBPjor / Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Copyright 2015.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em redes**. 6a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CRUZ, Adriano Charles. **Realismo e metáfora na fotografia: a solidão na obra de philip-lorca dicorcia**, Razón y Palabra, núm. 73, agosto-outubro, Universidad de los Hemisferios, Quito, Ecuador, 2010.
- DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH Sandra. **Teorias Da Comunicação De Massa** , 5º Edição, Editora: Zahar, 1993.

Dicio. **Solidão**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/solidao/>> Acesso em 15 de maio de 2021.

Dicio. **Solitude**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/solitude/>> Acesso em 15 de maio de 2021.

FECHINE, Yvana et al. **Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo**. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FECHINE, Yvana. **Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem**. In: SANTAELLA, Lucia. NESTERIUK, Sérgio; MASSAROLO, João. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

FIOCRUZ, 2021. **Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia**. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 19 set. 2021.

GANDELMAN, Henrique, **De Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro – RJ, Editora Record, 1997.

GEHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo, **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, Edição 6^o, São Paulo, Editora Atlas, 2008.

Governo Federal. **Realidade imposta pela pandemia pode gerar transtornos mentais e agravar quadros existentes**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/outubro/realidade-imposta-pela-pandemia-pode-gerar-transtornos-mentais-e-agravar-quadros-existentis>> Acesso em: 26 de out de 2021.

ITO, Liliâne de Lucena. **A (r)evolução da reportagem - Estudo do ciclo da reportagem hipermídia, da produção às respostas sociais**, 1^a Edição - Aveiro: Ria Editorial, 2019.

ITO, Liliâne de Lucena. **De reportagem hipermídia ao feed do Facebook: O processo de circulação de mensagens pós-recepção sobre o racismo no Brasil**, Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-15, jan.-dez, e-37546, 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**, 4^o Edição, Editoria Ateliê Editorial, 2001.

LAKATOS; MARCONI, **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

LEMOS, André. **Janelas do Ciberespaço**. 2a. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1a. São Paulo: Editora 34, 1999.

LONGHI, Raquel Ritter. Formatos de linguagem no webjornalismo convergente: a fotoreportagem revisitada, 2010.

MACEDO, Marcos Carvalho; FECHINE, Yvana. **Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos**. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 2, pp.77-100, mai. / ago. 2019.

MARTINS, Jose de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**, Editora Contexto, 2008.

MARQUES, Maria Albertina Álvaro. **Solitude e sofrimento em pessoas maiores de 80 anos**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/27702>> Acesso em: 19 set. 2021.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. 6a edição. Porto Alegre: Penso, 2013.

MORAZ, Eduardo. **Manual prático da fotografia digital**, São Paulo, Editora Digerati Books, 2008.

OLIVEIRA, Erivam Moraes. **O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação**, Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/13278/1/artigo6evol10-2.pdf>> Acesso em: 25 de out. de 2021.

ONU News. **Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711#:~:text=O%20uso%20da%20Internet%20continua,continua%20exclu%C3%ADdas%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20online>> Acesso em: 14 de mar. de 2021.

OPAS/OMS, 2021. **Depressão**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>>. Acesso em: 19 set. 2021.

PERSICHETTI, Simonetta. **A encruzilhada do fotojornalismo, discursos fotográficos**, Londrina, v.2, n.2, p.179-190, 2006

POSDGITALPUC, 2021. **Depressão em xeque.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/depressao-realmente-e-o-mal-de-seculo-especialistas-buscam-responder-essa-questao/#page6>>. Acesso em: 19 set. 2021.

POSDGITALPUC, 2021. **Os principais problemas de saúde mental em 2021.** Disponível em: <<https://posdigital.pucpr.br/blog/principais-problemas-de-saude-mental>>. Acesso em: 19 set. 2021.

POSDGITALPUC, 2021. **Promoção da saúde mental: um dos maiores desafios do século 21.** Disponível em: <<https://posdigital.pucpr.br/blog/saude-mental>>. Acesso em: 19 set. 2021.

RENÓ, Denis. **Pós-fotorreportagem e os desafios das novas narrativas audiovisuais**, Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”, Disponível em: <<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.8321>> Acesso em: 27 de set. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**, São Paulo – SP, Editora Paulus, 2007.
_____ e NOTH Winfried. **Imagem. Cognição, semiótica, mídia**, São Paulo – SP, Editora Iluminuras LTDA

Secretaria da saúde. **Saúde mental.** Disponível em: <<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Saude-Mental>> Acesso em: 13 de mar. de 2021.

Secretaria da saúde. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS.** Disponível em: <<https://sindjustica.com/2020/05/27/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,5%2C8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 13 de mar. de 2021.

SindJustiça. **Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a OMS.** Disponível em: <<https://sindjustica.com/2020/05/27/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/>> Acesso em: 13 de mar. de 2021.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**, São Paulo-SP, Editora Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo - Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**, Editora Porto, 2002.

UOL, Tab. **Volta para tua terra.** Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/volta-para-tua-terra/#cover>> Acesso em: 26 de out. de 2021.